  
  
  
 **UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
 FACULDADE DE COMUNICAÇÃO  
 COMUNICAÇÃO COM HABILITAÇÃO EM JORNALISMO  
  
  
  
  
GUILHERME ALVES FERREIRA LEITE DA SILVA  
  
  
  
  
  
DA BAHIA AO OLIMPO:   
HISTÓRIAS SOBRE MEDALHISTAS OLÍMPICOS BAIANOS**Salvador  
2014.2

**GUILHERME ALVES FERREIRA LEITE DA SILVA  
  
  
  
  
  
  
  
  
DA BAHIA AO OLIMPO:   
HISTÓRIAS SOBRE MEDALHISTAS OLÍMPICOS BAIANOS**

Memorial do Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia como requisito parcial como requisito parcial para obtenção de grau de bacharel em Comunicação com habilitação em Jornalismo.

Orientador: Prof. Maurício Tavares

Salvador  
 2014.2

**RESUMO**

Este memorial detalha as etapas de produção do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado Da Bahia ao Olimpo: histórias de medalhistas olímpicos baianos, que consiste em uma série de seis textos sobre atletas que nasceram na Bahia e ganharam medalha em alguma edição de Jogos Olímpicos de Verão. O material aproxima-se do gênero de perfil jornalístico na medida em que cada texto é focado em um personagem e sua trajetória de vida, com destaque para o início das suas carreiras no seu estado natal e a conquista na maior competição esportiva do mundo. O produto foi impresso e encadernado no formato A4 e é voltado para um público que busca conhecer a história do esporte brasileiro e baiano.

Palavras-chave: Jogos Olímpicos; Esportes; Perfil Jornalístico

**SUMÁRIO**

**1 INTRODUÇÃO . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . 5**  
**2 TRAJETÓRIA NA FACULDADE. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . 9**

**3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . 11**3.1 PERFIL JORNALÍSTICO . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . 11  
3.2 JOGOS OLÍMPICOS . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .12

**4 O PRODUTO . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . 15**4.1 ESCOLHA DO TEMA . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . 15  
4.2 ELABORAÇÃO DO PRODUTO . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . 17

**5 CONSIDERAÇÕES FINAIS . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . 23**

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . 25**

1. **Introdução**

O Trabalho de Conclusão de Curso consiste em uma série de seis textos com caráter de perfil jornalístico sobre atletas que nasceram na Bahia e conquistaram uma medalha em uma edição dos Jogos Olímpicos. Eles resgatam os momentos mais importantes da carreira dos personagens, com destaque para a sua participação nas Olimpíadas, a maior competição esportiva do mundo em termos de modalidades disputadas e países envolvidos.

O ‘Da Bahia ao Olimpo: histórias sobre medalhistas olímpicos baianos’ busca também resgatar os primeiros contatos dos atletas com o esporte que o consagrou e como eles alcançaram o patamar dos melhores do mundo na modalidade. Para isso, além dos próprios medalhistas, foram entrevistadas pessoas que cumpriram papel importante na carreira deles, como treinadores, familiares e companheiros de profissão. Assim, os textos podem servir como um registro de importantes momentos da história esportiva baiana e brasileira.

Otto Groth (2011) aponta a atualidade como uma das características centrais do jornalismo, mas o resgate de histórias pode ser fundamental para contextualizar e entender o tempo atual, a exemplo da apuração que deve ser feita sobre a carreira de cada um dos medalhistas olímpicos baianos, desde a medalha de bronze de Nilton Pacheco de Oliveira em 1948.

Diante da importância do evento e da ascensão da participação brasileira nas últimas edições, a imprensa nacional passa a encarar os Jogos Olímpicos como uma oportunidade de aumentar suas audiências e por isso investe altos valores nessas coberturas. A Rede Record pagou ao Comitê Olímpico Internacional US$ 60 milhões para ter os direitos de transmissão das competições de Londres, em 2012. A emissora ainda levou 350 funcionários para trabalharem no evento na capital inglesa.

Entre os dias 27 de julho e 12 de agosto de 2012, canais de televisão fechada dedicaram sua programação quase completa à cobertura dos Jogos Olímpicos de Londres. A ESPN colocou à disposição no Brasil quatro canais transmitindo os as competições entre cerca de 4h da manhã até às 20h, além de programas especiais sobre os jogos. O SporTV também dedicou quatro canais – todos com sinal de alta definição – para proporcionar 1 600 horas de transmissão, com 700 eventos no ar.

Os Jogos Olímpicos tiveram que percorrer um longo caminho até chamarem tamanha atenção da imprensa e alcançarem o modelo que conhecemos atualmente. A Era Moderna da competição teve início no final do século XIX, por iniciativa do barão Coubertin. Seu nome verdadeiro era Pierre de Freddy e após estudar os Jogos Olímpicos da Antiguidade, o francês quis reinventar a tradição grega da antiguidade sob novos moldes. Sua ideia se tornou realidade em 1896, quando a primeira edição do evento aconteceu na capital da Grécia.

Mais de um século depois, os Jogos Olímpicos de Verão se transformaram no maior evento esportivo do mundo. Na edição de 2012, em Londres, 204 países foram representados por suas delegações em Londres, número superior aos 193 membros da Organização das Nações Unidas (ONU).

Para os atletas de alto rendimento, o pódio Olímpico pode representar o ápice das suas carreiras. Entre brasileiros, o sonho de conquistar um lugar entre os três melhores do mundo em seus esportes começou em 1920, quando o país levou sua primeira delegação para uma edição do evento. Logo neste ano, o tenente do Exército brasileiro, Guilherme Paraense, trouxe a primeira medalha, um ouro.

Desde então, mais 107 medalhas foram conquistadas por representantes brasileiros e dez atletas nascidos no estado da Bahia contribuíram com este número. A raridade do acontecimento, se compararmos com os atletas que já competiram nas Olimpíadas pelo Brasil, valoriza ainda mais o feito destes seis homens e quatro mulheres que provaram estar entre os melhores do mundo em um determinado período da história em suas respectivas modalidades.

Acompanhadas destes atletas estão grandes histórias sobre como eles se prepararam para chegar às Olimpíadas e como dentro dos Jogos eles competiram contra seus adversários para atingir o topo. Pela notoriedade dos personagens, esses fatos merecem registro, e por isso quero pesquisar parte da biografia desses atletas, de modo a preservar importantes capítulos da trajetória olímpica baiana.

Desde os Jogos de 2004, disputados em Atenas, acompanho as competições e pude ver o surgimento de herois mundiais, além de atletas brasileiros e baianos que alcançaram resultados valiosos para a história esportiva do país, apesar de em alguns casos a decepção por um resultado abaixo do esperado prevalecer sobre o mérito de estar entre os três melhores de sua modalidade.

Ricardo Santos (vôlei de praia), Bebeto, Aldair, Dida, Formiga, Elaine, Fabiana (futebol), Nilton Pacheco de Oliveira (basquete), Edvaldo Valério (natação) e Adriana Araújo são os dez nomes que já subiram no pódio em pelo menos uma das edições dos Jogos. É sobre sete deles que vou tratar em meu Trabalho de Conclusão de Curso, tendo em vista as possibilidades e técnicas de um perfil jornalístico. Os únicos medalhistas baianos que não serão representados são os que disputaram o futebol masculino, modalidade em que a competição mais importante não é a Olímpica, mas sim a Copa do Mundo.

Antes de 2012, o último pódio Olímpico conquistado por um brasileiro havia sido com terceiro lugar de Servílio de Oliveira, em 1968. O jejum se encerrou justamente com o bronze de uma baiana: Adriana Araújo. Foi também durante minha adolescência que vi o soteropolitano Ricardo Santos ganhar uma medalha em três edições diferentes dos jogos – incluindo um ouro – e se posicionar como um dos atletas mais vitoriosos da trajetória Olímpica do Brasil.

Quando eu ainda mal entendia o que eram os Jogos Olímpicos, nas décadas de 80 e 90, Dida, Bebeto e Aldair trouxeram medalhas na modalidade mais popular do país, enquanto começavam a se consagrarem como estrelas do futebol mundial. E mesmo em 1948, Nilton Pacheco de Oliveira já representava a Bahia e trazia uma medalha de bronze de Londres.

Da década de 40 à última edição das Olimpíadas é possível recuperar e divulgar histórias destes atletas e pretendo fazer isso em meu Trabalho de Conclusão de Curso entrevistando e investigando os medalhistas, além das pessoas mais próximas deles, de modo a como eles começaram nas modalidades e que caminho eles seguiram até chegar ao pódio.

Entendo que esse tipo de trabalho é valioso do ponto de vista que o esporte faz parte da cultura de um país e grandes atletas podem virar personagens de referência dentro da sociedade. Além disso, todos eles precisaram competir em alto nível para provar que estavam entre os melhores do mundo naquilo que faziam.

A próxima edição dos Jogos Olímpicos acontece em 2016, no Rio de Janeiro. O fato de ser a primeira vez que o Brasil recebe o evento deve atrair ainda mais atenção da imprensa e do público para as competições, provocando, por consequência, um aumento no interesse em relação ao documentos e materiais históricos já produzidos.

Mesmo que a capital carioca seja a sede principal das competições, outras cidades vão receber eventos olímpicos, inclusive Salvador, proporcionando uma chance inédita à cidade e acrescentando um valioso capítulo da história olímpica da Bahia. Um capítulo que vai além das medalhas conquistadas pelos atletas que nasceram no estado. A capital baiana vai receber partidas do torneio de futebol em 2016, assim como São Paulo, Belo Horizonte, Brasília e o próprio Rio de Janeiro.

Na capital carioca haverá 33 locais de competições, sendo que dez dessas instalações são novas e estão sendo construídas em razão dos Jogos Olímpicos na cidade. Nessa edição de 2016 é provável que outros atletas nascidos na Bahia brilhem e conquistem medalhas. Os nadadores Allan do Carmo e Ana Marcela Cunha, além do canoísta Isaquias Queiroz, por exemplo, vêm conseguindo bons resultados em suas modalidades e há a expectativa que eles possam subir em um pódio, aumentando a lista de representantes baianos que já ficaram entre os três primeiros em um evento Olímpico.

1. **Trajetória na faculdade**

Entrei na Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia (Facom/Ufba) no semestre 2011.1. Desde o início busquei capacitações além das disciplinas ofertadas e dediquei um longo tempo em cada um dos lugares que trabalhei ao longo do curso. Tanto na Produtora Júnior como no programa Jornalismo de Futuro e no estágio no *site* Correio24horas tive a oportunidade de me aprofundar na rotina produtiva, apesar de pensar que poderia ter vivido um período menor em algum desses lugares, até como forma de passar por experiências em veículos jornalísticos variados.

Logo nas primeiras semanas como estudante da Facom passei no processo seletivo da Produtora Júnior, empresa júnior de comunicação, onde trabalhei por cerca de um ano e dois meses e aprendi a ter uma abordagem mais mercadológica da comunicação. Aprofundei meus conhecimentos em assessoria de imprensa e entrei em contato com noções de gestão que eram importantes para a manutenção da organização e certamente me acrescentaram muito tendo em vista oportunidades de trabalho depois da faculdade.

Reconheço a importância do aprendizado que tive, mas a área de comunicação empresarial e as funções ligadas a gestão de uma empresa não eram o que tinham me motivado a fazer o curso na Facom. Por isso, no segundo semestre de 2012 me inscrevi e fui selecionado no processo seletivo do programa ‘Jornalismo de Futuro’, que na época ainda era realizado em parceria da Faculdade de Comunicação da Ufba com o Jornal Correio. Nesse momento tive meu primeiro contato com a redação jornalística de um grande veículo e tentei aproveitar o máximo dos três meses de experiência ao lado de repórteres e editores; Ao final desse período, a terceira turma do projeto produziu uma revista que foi encadernada no jornal em janeiro de 2013.

O ‘Jornalismo de Futuro’ abriu portas para que eu fosse chamado para estagiar no site Correio24horas aproximadamente um mês depois. Nessa oportunidade havia a limitação de sair pouco para a rua para cobrir pautas, mas a necessidade de atualização constante do portal fez com que eu aprendesse a acelerar meu processo de apuração e redação das notícias.

Na faculdade, eu gostava das disciplinas práticas por me permitir ter atividades mais próximas da minha futura atividade profissional. Fui atraído principalmente pelas Oficinas de Radiojornalismo e Telejornalismo, que lidam com as mídias mais distintas da imprensa escrita e por isso representavam uma novidade maior para mim. Nessas matérias busquei funções variadas ao longo do semestre com o objetivo de testar as possibilidades dentro desses veículos.

Apesar da preferência pelas atividades práticas, também destaco as disciplinas teóricas, que me engrandeceram também pessoalmente. Nesse sentido destaco a matéria Comunicação e Cultura Contemporânea, onde tive uma melhor compreensão sobre a palavra cultura, além de entender melhor como funcionam as competências de recepção do público de programas de televisão, por exemplo.

1. **Fundamentação Teórica**

**3.1 Perfil Jornalístico**

O perfil como texto jornalístico costuma ser associado ao jornalismo literário por conta do uso de recursos de escrita desse estilo. Esse modelo de texto tem um personagem como foco e é definido por Sergio Vilas-Boas (2003, p. 13) como uma “narrativa curta tanto na extensão (tamanho do texto), quanto no tempo de validade de algumas informações e interpretações do repórter”. O perfil tem caráter biográfico, a partir do momento em que ele resgata momentos relevantes na vida da pessoa retratada.

Os textos apresentados neste trabalho se aproximam do perfil como gênero jornalístico pelo enfoque em um determinado atleta e ao trazer episódios da sua vida pessoal e profissional. O traço em comum entre os seis personagens e aquilo que é destacado no relato sobre eles são as medalhas conquistadas em Jogos Olímpicos, que representam o ponto mais alto de suas carreiras. Como explicam Sodré e Ferrari (1986, p. 134), “o normal será enfatizar, no perfil, justamente aquilo que lhes deu fama”.

Os perfis costumam se apropriar de aspectos de contos e da ficção durante suas narrativas, por isso Sodré e Ferrari (1986) aproximam os textos desse gênero do jornalismo literário. Este pode ser definido como o conjunto de artifícios e técnicas da literatura que estão à disposição do jornalismo, permitindo liberdade no estilo de escrever (CASTRO, 2010).

Com o foco em um personagem, é fundamental que esses elementos literários, quando usados, trabalhem no sentido de caracterizar a pessoa e os episódios mais marcantes da vida da pessoa. Para isso, as capacidades de observação e até mesmo interpretação precisam ser exercitadas durante as entrevistas:

Em um texto-perfil, a complexidade do personagem pode ser trabalhada com a ajuda de um conjunto de cuidados. Dou atenção ao que a pessoa diz a seu respeito e ao que ela diz a respeito de outras pessoas; dou atenção ao que ela diz a respeito dos acontecimentos contemporâneos que a afetam de algum modo [...]. A pessoa fornece também gestos, atitudes e pensamentos em função da fase que está atravessando. (VILAS-BOAS, 2014, p. 282)

O perfil e a biografia têm em comum o fato de girarem em torno de um personagem central, mas se afastam quando analisamos o nível de aprofundamento que o texto oferece sobre a pessoa retratada. Uma biografia deve tratar com detalhes os momentos da vida do biografado, enquanto o perfil deve focar em alguns momentos de maior importância (VILAS-BOAS, 2014). Neste trabalho de conclusão de curso, busco abordar em especial o começo da carreira de cada um dos seis atletas e o desempenho deles dentro dos Jogos Olímpicos.

Os perfis também se caracterizam por tentar trazer o leitor para perto da história que está sendo narrada ao descrever cenários com detalhes e relatar características pessoais dos personagens. Os textos elaborados neste trabalho também buscam trazer esses elementos ao falar de momentos que os atletas consideram marcantes ao longo das suas vidas.

**3.2 Jogos Olímpicos**

Os Jogos Olímpicos tiveram que percorrer um longo caminho até alcançarem o modelo que conhecemos atualmente. Sua primeira versão, os Jogos Olímpicos da Antiguidade, surgiram no século 8 a.C. O nome tem inspiração na cidade de Olímpia, onde eram disputadas as competições

Os gregos queriam fazer uma homenagem a Zeus, Apolo, Afrodite e todos os seus deuses, adorados em um templo especialmente construído em Olímpia. Por isso, instituíram uma grande festa, batizada de Jogos olímpicos. Os Grandes Jogos da Grécia foram disputados pela primeira vez em 776 a.C., quando aparece em documentos e monumentos a primeira lista de heróis e vencedores olímpicos. [...] Os Jogos Olímpicos da Antiguidade aconteciam de quatro em quatro anos e duraram mais de mil anos, até 393, quando o imperador romano Teodósio I terminou com eles dando a desculpa de que se tratava de uma festa pagã. (DUARTE, 1996, p. 12).

Os Jogos Olímpicos também tinham como função interromper as guerras entre os povos na Grécia Antiga, de forma que, ao menos durante as competições e homenagens aos deuses, a paz predominasse. Para cumprir esse objetivo, os cidadãos gregos se encontravam a cada quatro anos e o termo Olimpíada se transformou em uma medida de tempo que pode ser aplicada até nos anos atuais.

Embora não tenham sido realizadas em 1916, 1940 e 1944, essas Olimpíadas estão incluídas no cálculo do número total. A contagem não foi alterada porque a cada período de quatro anos se conta uma olimpíada, de acordo com o antigo sistema grego de divisão do tempo, que se usava por volta de 300 a.C. Olimpíada era o período de quatro anos decorrido entre dois jogos consecutivos. (DUARTE, 1996, p. 14)

O significado atual dos Jogos Olímpicos talvez já não seja mais tão nobre quanto ao que era proposto na antiguidade, mas sua função de premiar os melhores em suas respectivas atividades esportivas ganhou proporções mundiais. Se em 776 a.C. as competições eram restritas aos cidadãos gregos, a primeira edição dos Jogos da Era Moderna reuniu dez países, e em 2012, as 204 nações que fazem parte do Comitê Olímpico Internacional (COI) levaram atletas à Londres.

Apenas em 1894 a tradição olímpica começou a ser resgatada, quando Barão de Coubertin organizou um congresso em Paris para discutir a recuperação da antiga tradição grega de realizar eventos atléticos periódicos. No mesmo ano, em junho, foi criado o Comitê Olímpico Internacional, e em 1896 aconteceu a primeira edição dos Jogos Olímpicos da Era Moderna, em Atenas.

No novo formato dos jogos, disputados a cada quatro anos e em cidades de diferentes continentes, atletas de todo o mundo passaram a ter a chance de participar da competição mais importante de suas respectivas modalidades. Dentro deste cenário das 27 edições já disputadas dos Jogos Olímpicos de Verão da Era Moderna, contei a trajetória de seis atletas baianos que já conquistaram medalha.

No caso da grande maioria dos esportes, os Jogos Olímpicos são a competição mais importante a ser vencida, ao lado dos campeonatos mundiais das respectivas modalidades. A única exceção acontece no caso do futebol masculino, onde cada seleção pode convocar no máximo três jogadores com idade acima de 23 anos, o que prejudica o nível técnico das partidas disputadas. Os países não podem enviar suas seleções principais por conta de um acordo entre a Federação Internacional de Futebol (Fifa) e o Comitê Olímpico Internacional (COI), para que o torneio não se torne um concorrente da Copa do Mundo da Fifa.

Também a cada quatro anos, mas com dois de diferença em relação a cada edição dos Jogos Olímpicos de Verão, acontecem os Jogos Olímpicos de Inverno, que também são organizados pelo Comitê Olímpico Internacional e na cultura de alguns países são encarados com a mesma importância da versão de verão.

Nas semanas seguintes aos Jogos Olímpicos de Verão e na mesma cidade-sede ainda são disputados os Jogos Paralímpicos, que representam o maior evento esportivo do mundo para pessoas com deficiências físicas e mentais.

No entanto, neste trabalho o universo pesquisado se restringe ao dos Jogos Olímpicos de Verão, que alcança um público muito superior ao dos Jogos Paralímpicos e no Brasil é mais valorizado em relação às competições disputadas no inverno, onde atletas brasileiros sequer ganharam uma medalha em 22 edições.

Na última edição dos jogos, em 2012 a delegação brasileira era formada por 259 atletas, que trouxeram um número recorde para o país de 17 medalhas. Duas delas tiveram a participação direta de pessoas que saíram do estado da Bahia para concorrer entre os melhores do mundo em suas modalidades. Ricardo Santos fez dupla com o paranaense Emanuel Rego e conquistou a prata no vôlei de praia, enquanto a pugilista Adriana Araújo ganhou bronze, na primeira vez que o boxe feminino foi disputado nos Jogos Olímpicos.

Mas as contribuições baianas para o quadro de medalhas brasileiro aparecem desde 1948, quando os jogos também foram disputados na capital inglesa. Nilton Pacheco de Oliveira fez parte da seleção brasileira de basquete que ficou com a medalha de bronze. Ao todo, dez baianos já subiram ao pódio em uma edição de Jogos Olímpicos de Verão e seis deles são personagens deste trabalho de conclusão de curso: Ricardo (vôlei de praia), Nilton (basquete), Formiga (futebol), Fabiana (futebol), Adriana Araújo (boxe) e Edvaldo Valério (natação).

1. **O Produto**

**4.1 Escolha do Tema**

Uma das motivações para que eu optasse por cursar jornalismo foi a possibilidade de trabalhar com a área de esportes. Ao longo da graduação na Faculdade de Comunicação da Ufba, busquei aproveitar essa proximidade para elaborar produtos relacionados ao tema.

Na disciplina de COM124 (Oficina de Radiojornalismo), produzi uma matéria sobre um time de futebol americano de Salvador. Em COM348 (Temas Especiais em Radiojornalismo) fui o responsável por produzir uma série que falava da Copa do Mundo no Jornal da Facom e em COM126 (Oficina de Jornalismo Digital) escrevi sobre o ressurgimento de um clube de futebol baiano, o Leônico. Já em COM125 (Oficina de Telejornalismo), entrevistei a boxeadora Adriana Araújo, que agora também é uma das personagens deste trabalho.

Quando comecei a pensar no meu Trabalho de Conclusão de Curso decidi que queria fazer algo relacionado ao esporte, mas para tentar escapar do senso comum da área, não quis ter o futebol como foco. Abordando outras modalidades eu poderia trazer um material mais novo do que tratando do esporte mais popular do país.

Inicialmente pensei em produzir uma monografia, analisando a cobertura sobre futebol americano – esporte que também gosto de acompanhar – no Brasil. Tenho conhecimento do assunto e é um tema que pessoalmente não seria cansativo para abordar. No entanto, eu ainda pensava em uma alternativa para poder explorar mais minha criatividade e ao final da disciplina COM 116 (Elaboração de Projetos em Comunicação), minha preferência por contar histórias prevaleceu.

Desde a edição de 2004, acompanho assiduamente os Jogos Olímpicos e por se tratar da maior competição esportiva do mundo, imaginei que seria um bom assunto para tratar no TCC. Para delimitar o tema e restringir o universo a ser estudado, escolhi escrever sobre atletas que nasceram na Bahia e ganharam uma medalha Olímpica. Esses personagens costumam ser lembrados a cada quatro anos, mas na maioria dos casos há pouco registro sobre como foi o início das suas carreiras e como eles se tornaram os melhores em suas modalidades.

A história indica que a maioria dos pódios para atletas baianos - e brasileiros como um todo - saiu nas edições mais recentes de Jogos Olímpicos. Das 14 medalhas já recebidas por pessoas nascidas na Bahia, 12 vieram a partir de 1996. Isso me permitiu acompanhar boa parte dessas conquistas, e nesses casos a memória foi uma aliada no momento de escrever o TCC.

Por outro lado, esse trabalho também foi uma oportunidade de descobrir uma história pouco conhecida na Bahia. Ao pesquisar o número de atletas nascidos no estado que ganharam uma medalha olímpica, encontrei o nome de Nilton Pacheco de Oliveira, que fazia parte da seleção brasileira de basquete que ganhou a medalha de bronze no ano de 1948, em Londres. Como encontrei poucas informações sobre esse personagem, foi ele quem exigiu o maior trabalho de apuração ao longo do TCC. No caso de outros atletas, já conhecia parte de suas histórias no esporte, mas também me surpreendi com os relatos de alguns episódios que consegui durante as entrevistas.

Inicialmente propus escrever sobre os dez baianos que já ganharam medalha olímpica, mas optei por deixar de fora do trabalho quatro atletas do futebol: Elaine, Dida, Aldair e Bebeto. Este último ganhou uma medalha de prata em 1988, nos Jogos Olímpicos de Seul, e um bronze em 1996, em Atlanta, ao lado dos outros dois homens, enquanto Elaine foi medalhista de prata em 2004.

Apesar de representarem uma parte da história olímpica do estado, fiz contato com eles e não tive resposta, o que tornaria o relato sobre os quatro mais pobre que os demais. Também não o entrevistei o jogador de vôlei de praia Ricardo, mas conversei com seu treinador e a disponibilidade de informações sobre a sua conquista nos Jogos Olímpicos era maior e suficiente para contar a história das suas medalhas.

Além disso, os Jogos Olímpicos têm um peso diferente para o futebol masculino. A base das equipes que disputam a competição deve ser formada por jogadores com até 23 anos, e por isso o valor do torneio fica muito abaixo de uma Copa do Mundo da modalidade, por exemplo.

Para contar a história dos sete atletas escolhidos, optei por escrever um texto com inspiração no gênero de perfil jornalístico sobre cada um. Adriana Araújo (boxe), Edvaldo Valério (natação), Nilton Pacheco de Oliveira (basquete), Ricardo (vôlei de praia), além de Formiga e Fabiana (futebol feminino). Busquei explicar como aconteceu o início da carreira deles e narrei como aconteceram as suas campanhas nos Jogos Olímpicos. Para isso, entrevistei a maioria desses atletas, além de familiares pessoas próximas deles para conseguir detalhes sobre sua vida pessoal e esportiva.

Quanto ao formato, tive como inspiração para este TCC algumas obras que falam da carreira esportiva de atletas brasileiros. O livro ‘Gigantes do Futebol Brasileiro’, de João Máximo e Marco de Castro, traz perfis sobre alguns dos principais jogadores da modalidade mais popular do país. Nele são contados de maneira poética episódios de cada um dos 21 jogadores e juntas as histórias ajudam a escrever a história do esporte no Brasil.

Também gosto do livro ‘Heróis Olímpicos Brasileiros’, escrito por Katia Rubio. Ele fala da carreira de atletas brasileiros que ganharam medalhas em Jogos Olímpicos e foi um dos motivos para eu fazer um recorte no tema para o meu TCC. Mas ao invés de tratar do mesmo universo de personagens, preferi escolher apenas aqueles que nasceram na Bahia, como forma de destacar o início das suas carreiras esportivas no estado natal. Apesar da obra de Katia Rubio já tratar de baianos como Edvaldo Valério, preferi contar a história deles de forma mais aprofundada.

Se por um lado o livro de Katia Rubio tratava do tema que eu abordaria no meu TCC, o de João Máximo e Marco de Castro tinha mais criatividade e um tom mais poético no texto, algo que eu gostaria de incorporar no meu trabalho. Para me aproximar de um perfil jornalístico, precisava ter esse tipo de característica, para além do enfoque na carreira de um personagem.

**4.2 Elaboração do Produto**

Comecei a trabalhar neste produto a partir do momento que decidi o tema, ainda na disciplina de Elaboração de Projetos em Comunicação, no sexto semestre da faculdade. Através de páginas na internet do Comitê Olímpico Brasileiro, mapeei todos os atletas baianos que haviam conquistado ao menos uma medalha em Jogos Olímpicos e cheguei ao número de dez. A partir dessas informações comecei a pesquisar sobre a vida pessoal e profissional desses personagens para começar a elaborar perguntas para as entrevistas que seriam feitas posteriormente.

Inicialmente, tentei entrar em contato com os dez atletas nascidos na Bahia que já conquistaram medalha olímpica. Gostaria de produzir material sobre todos eles, mas a falta de resposta de Elaine, Aldair, Bebeto e Dida impediu que essa ideia fosse concretizada. Com o desenvolvimento do trabalho, optei por não abordá-los no produto e focar naqueles com quem eu já havia conversado, entrevistando outras fontes e pesquisando mais sobre eles.

Dos seis atletas destacados no trabalho, apenas Edvaldo Valério mora na Bahia, e por isso foi possível fazer uma entrevista presencial, no clube de natação onde ele dá aulas em Salvador, no bairro de Itapuã. Também viajei até o Rio de Janeiro para conversar pessoalmente com a família do ex-jogador de basquete Nilton Pacheco de Oliveira. No caso das demais fontes, as entrevistas foram realizadas por telefone.

Eu já havia conversado com Evaldo Valério para uma matéria ainda durante o projeto ‘Jornalismo de Futuro’, por isso tinha o contato dele e tive facilidade para marcar a entrevista. Além de me permitir ter um contato mais próximo com o atleta, a oportunidade de encontrar com o ex-nadador também foi útil para lembrar com mais detalhes a competição em que ele ganhou a medalha de bronze nos Jogos Olímpicos de Sydney, em 2000. Pude levar um notebook até o local da entrevista e lá nós assistimos a final do revezamento 4x100 metros nado livre. Ele comentou a prova e a partir das imagens deu detalhes sobre como foi sua participação e da equipe brasileira como um todo.

Valério demonstrou grande admiração durante a entrevista ao seu companheiro do revezamento dos Jogos Olímpicos, Fernando Scherer, que nadou nos Jogos Olímpicos de 2000 mesmo sem estar na sua melhor condição física. Por isso recuperei uma declaração dada por ele durante uma entrevista coletiva pouco antes do torneio, quando o nadador confirmou sua participação no torneio. Sérgio Silva, então treinador do atleta baiano e atual presidente da Federação Baiana de Desportos Aquáticos (FBDA), também foi entrevistado por telefone para comentar sobre a carreira de Edvaldo e os momentos que antecederam a medalha de bronze na Austrália.

Adriana Araújo costuma treinar na capital baiana, mas em 2014 sua preparação para o Campeonato Mundial de Boxe Olímpico passou por uma preparação fora de seu estado natal, ao lado do restante da seleção brasileira. A competição disputada em novembro deste ano, na Coreia do Sul, atrapalhou uma entrevista presencial. Mas no caso da boxeadora ainda pude aproveitar o contato que tive com ela na Academia Champion durante uma entrevista para a disciplina de Oficina de Telejornalismo para descrever o ambiente onde ela treina quando está em Salvador. Este trabalho da faculdade realizado ainda no quinto semestre também me permitiu ter o número do celular dela, facilitando o contato.

Dono da Academia Champion, Luiz Dórea também foi entrevistado como parte do trabalho. Ele treinou Adriana Araújo desde o início da carreira e foi uma pessoa importante no desenvolvimento da lutadora, como ela própria reconhece. Por isso, o treinador teve destaque no texto sobre a atleta, além da conquista da medalha de bronze em Londres e o seu desejo de ainda ser a melhor do mundo em sua categoria.

Nilton Pacheco de Oliveira morreu em junho de 2013 e apesar da conquista da sua medalha olímpica em 1948 há poucos registros sobre sua carreira. Por isso, esse era o atleta que eu deveria mais investigar durante o trabalho. Como sua família mora no Rio de Janeiro, entrei em contato com uma sobrinha dele e viajei até a capital carioca para conversar com familiares do ex-jogador. Na casa onde morava o casal eles guardam muitas recordações de Nilton, o que foi importante para conhecer mais sobre a vida dele nas quadras.

Entrevistei e viúva de Nilton, a sobrinha e o marido dela para buscar informações sobre ele. No apartamento onde ele morava também estavam guardados álbuns e recortes de jornais que me permitiram descobrir acontecimentos importantes da sua carreira, além de perceber como a imprensa do Brasil repercutiu os principais feitos da seleção brasileira de basquete na década de 40. O modo como funcionava essa cobertura serviu inclusive como instrumento para brincar ao longo do texto sobre o ex-jogador de basquete.

A família também me entregou uma cópia de um DVD onde estava gravada uma reportagem sobre os Jogos Olímpicos de 1948 com uma entrevista concedida pelo ex-jogador. O material fazia parte do programa ‘A Aventura Olímpica Brasileira’ produzido pela GloboNews.

Por ser o único atleta retratado neste trabalho que já está morto e atuou ainda na primeira metade do século passado, o texto sobre Nilton tem diferenças mais sensíveis em relação aos demais. Comentei muito mais sobre sua vida depois da aposentadoria tomando como base os comentários feitos pelos seus familiares e precisei apontar os problemas de saúde que levaram à morte do ex-jogador em 2013.

Nos Jogos Olímpicos de 2004 e 2008 a seleção brasileira de futebol feminino conquistou a medalha de prata, suas primeiras na história da competição, e no elenco dessas duas campanhas havia a baiana Formiga. Para escrever sobre ela, foi uma importante fonte o livro de René Simões, treinador da equipe na primeira conquista. Em ‘O dia em que as mulheres viraram a cabeça dos homens’, ele escreve sobre o período entre sua chegada à seleção feminina até o segundo lugar conquistado em Atenas. A obra ajudou a saber como aconteceu a preparação brasileira para a competição e entender qual o sentimento das atletas no decorrer do torneio na Grécia.

Formiga é a atleta brasileira com um dos currículos mais ricos na história dos Jogos Olímpicos, já que é a única jogadora de futebol no mundo a disputar todas as cinco edições do torneio, desde 1996. Elogiada por René Simões e apontada como uma das líderes do elenco pelo treinador, ela segue em atividade e pode ampliar seu recorde nos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro, em 2016. O contato com a jogadora foi intermediado pelo time que ela atua, o São José, do estado de São Paulo.

A treinadora que praticamente a adotou e iniciou no esporte, Dilma Mendes, foi importante para relatar como foram os primeiros passos da medalhista no esporte que a consagrou anos mais tarde. Inicialmente falei com ela através do Facebook e em seguida a entrevistei via telefone.

Formiga teve outra companheira nascida na Bahia quando novamente ficou com a prata nos Jogos Olímpicos de Pequim, em 2008, já que Fabiana estava no grupo. As duas seguem presentes em convocações da seleção brasileira, mas em momentos distintos. Formiga perto da aposentadoria e sua companheira em franca ascensão. O atual treinador de Fabiana na Associação Desportiva Centro Olímpico, Arthur Elias, foi fonte para comentar sobre o trabalho com a jogadora.

No caso de Fabiana, consegui seu número de telefone através do clube onde ela joga atualmente, o Centro Olímpico. No texto, abordei alguns problemas recorrentes de meninas que tem o futebol como esporte favorito. A família nem sempre apoiava a prática da modalidade e durante todo o tempo que ela jogou na Bahia quase todos os seus adversários e companheiros de equipe eram homens. Apesar disso ela prosperou, e com pouco mais de 20 anos de idade já possui uma medalha olímpica e vem se transformando em uma das melhores jogadoras da seleção brasileira feminina.

O jogador de vôlei de praia Ricardo Santos não respondeu o pedido de entrevista feito a ele, mas falei com o treinador Gilmário Ricarte, conhecido como Cajá, que trabalha com o jogador desde o final da década de 90. Entrei em contato com Cajá inicialmente através de seu perfil no Facebook e durante a conversa por telefone ele ajudou a explicar alguns momentos da carreira do atleta e comentou sobre a sua parceria com Emanuel, uma das mais vitoriosas da história da modalidade.

Apesar de não conseguir falar com o atleta, dediquei-me a produzir o texto sobre Ricardo pois ele é o único atleta baiano a ganhar uma medalha de ouro nos Jogos Olímpicos. Ele também é quem mais ganhou medalhas no estado em toda carreira, com três. Além da entrevista com Ricarte, seu extenso currículo na competição também contribuiu para produzir o texto sobre o jogador de vôlei de praia.

Após entrevistar cada atleta eu começava a produzir o texto sobre ele, com o auxílio das informações e declarações das demais fontes que me ajudaram na apuração. Nesse processo foi importante consultar páginas na internet de federações internacionais das modalidades para conseguir informações mais detalhadas sobre as competições.

Como a maioria das medalhas sobre as quais eu escrevi aconteceram nos últimos 14 anos, também consegui encontrar vídeos das provas que aconteceram durante os Jogos Olímpicos, ajudando a descrição desses momentos. Também foi possível encontrar notícias na internet da época dessas conquistas. Estadão, Folha de S. Paulo e Uol, por exemplo, serviram como fonte para lembrar de fatos que aconteceram durante as competições e eventualmente entrevistei os atletas com algumas perguntas baseadas em acontecimentos relatados nessas matérias.

Os dois momentos que mais procurei destacar nos textos foram o início da carreira de cada atleta e a experiência deles nos Jogos Olímpicos. Coincidentemente, todos nasceram em Salvador e passaram os primeiros anos de suas vidas na capital baiana. Como na cobertura esportiva diária esse período da vida não é tão abordado, aproveitei essa oportunidade para conseguir histórias da infância e sobre como foi o primeiro contato dos personagens com o esporte. Já o desempenho deles nas competições que renderam medalhas olímpicas foi valorizado por representar o ponto mais alto de suas vidas esportivas. Por isso, reuni informações sobre jogos e provas para narrar como foi a trajetória até a medalha.

Apesar de terem a cidade natal como ponto em comum, foi curioso notar que todos os personagens abordados precisaram recorrer à estrutura de outros estados para se desenvolver no estado. Ricardo adotou João Pessoa como segunda casa a partir do final da década de 90, quando passou a treinar no estado. Nilton se mudou para o Rio de Janeiro para jogar pelo Fluminense com cerca de 20 anos. Além disso, Formiga e Fabiana não tem a chance de defender times de futebol feminino de alto nível para jogar no estado onde nasceram. Adriana Araújo e Edvaldo Valério quase fugiram à regra, mas a boxeadora costuma treinar com a seleção brasileira em estados do sudeste e o nadador também buscou clubes da região quando os investimentos baianos no esporte diminuíram.

Na medida do possível tentei apresentar os atletas com o apoio de características físicas e traços da personalidade que eles demonstraram durante as entrevistas. Também aproveitei como recurso no texto a descrição mais detalhada de alguns lugares que serviram de palco para momentos da vida considerados importantes pelos personagens retratados.

Esses aspectos são comuns aos textos jornalísticos do gênero de perfil e acredito que eles foram bem trabalhados no caso do Nilton Pacheco de Oliveira, mas nos demais a falta de conversas presenciais atrapalharam a descrição de cada atleta, já que não era possível perceber suas expressões e reações ao longo da entrevista e descrever o ambiente ao seu redor. Na falta dessas informações, os relatos sobre as carreiras dos atletas e a sua participação em Jogos Olímpicos predominaram nos textos.

O produto foi organizado em três grandes partes, de acordo com o resultado final dos personagens retratados. Em ‘Bronze’ estão os textos sobre Nilton Pacheco de Oliveira, Adriana Araújo e Edvaldo Valério. Na parte ‘Prata’ escrevi sobre Formiga e Fabiana. Já em ‘Ouro’ está o único atleta que nasceu na Bahia e ficou na primeira posição em uma competição olímpica: Ricardo.

Para dar apoio ao material escrito, incluí logo após o título de cada capítulo as datas de nascimento e morte (no caso de Nilton Pacheco de Oliveira), citei as participações deles em Jogos Olímpicos e ainda incluí duas imagens de cada atleta. Finalizados todos os seis textos, imprimi as páginas do trabalho em formato A4 e encadernei em capa dura para apresentar o produto à banca examinadora do trabalho.

1. **Considerações finais**

Este Trabalho de Conclusão de Curso visa servir como um registro da história dos atletas baianos dentro dos Jogos Olímpicos e um material que possa inclusive ser consultado em futuras pesquisas sobre o tema. Nesse sentido acredito que ele alcançou seu objetivo ao trazer a história desses personagens e relatando com detalhes o torneio que os levou à medalha olímpica.

O esporte é parte da cultura de um país e no Brasil isso fica evidente quando tratamos de futebol masculino. Mas a cada quatro anos os homens com as bolas nos pés dão espaço, pelo menos por um mês, aos atletas que jogam em outros campos e os brasileiros por alguns momentos esquecem de seus clubes de futebol para apoiar jogadores de vôlei, basquete, nadadores, boxeadores…

Esses sete atletas olímpicos têm uma importância histórica para o esporte no Brasil por se colocarem entre os melhores do mundo naquilo que fazem no momento em que subiram ao pódio. Por isso é importante lembrar como aconteceu cada uma dessas conquistas, e como foi a trajetória deles até alcançar esse patamar. Durante as entrevistas conheci histórias fantásticas e pude entender melhor como se desenvolveram os acontecimentos dentro dos Jogos Olímpicos a partir da perspectiva dos próprios medalhistas.

Reconheço que posso avançar em alguns aspectos nesse produto em caso de uma atualização futura. Mais entrevistas presenciais seriam o ideal para uma apuração mais aprofundada sobre os atletas. Além disso, valeria a pena investir mais esforços para entrar em contato com os atletas do futebol que não foram abordados neste trabalho, de forma a ter um material completo, com todos os medalhistas olímpicos baianos da história. A princípio imaginei que seria possível escrever sobre todos os dez, mas com as dificuldades para entrar em contato com alguns deles me fizeram cortar quatro nomes da lista, até para que eu pudesse me dedicar mais na apuração das carreiras dos outro seis. Uma pesquisa mais avançada também poderia me oferecer o número exato de atletas que nasceram no estado e ao menos participaram de uma edição dos Jogos Olímpicos, permitindo até mesmo uma análise da formação de atletas na Bahia.

Com o material que colhi durante a apuração acredito que consegui fazer um retrato satisfatório de cada um dos personagens abordados, dentro de características que um perfil jornalístico estabelece. Apesar de escrever separadamente sobre cada um deles, percebi traços em comum na origem humilde da maioria dos atletas, que enfrentaram obstáculos muito além dos esportivos para alcançar os seus feitos.

Os conflitos e críticas à administração do esporte no país também foi uma tendência ao longo das entrevistas. No Brasil, nenhum deles contou com uma estrutura avançada que os preparasse para a competição em alto nível. E mesmo depois de estar entre os melhores do mundo, os atletas ainda passaram por graves problemas. Adriana Araújo foi barrada da seleção por conflitos com o presidente da Confederação Brasileira de Boxe enquanto Formiga segue como uma importante porta-voz do futebol feminino, reclamando uma estrutura melhor para a modalidade junto à Confederação Brasileira de Futebol.

Foi especial escrever sobre personagens que eu acompanhei competindo e ganhando medalhas nos Jogos Olímpicos. Durante as entrevistas, conversei com eles ainda com imagens frescas na memória das conquistas de cada um. Esse foi o caso das conversas com Fabiana, Formiga, Elaine, Adriana Araújo e Ricardo, que alcançaram seus melhores resultados a partir da edição de 2004, em Atenas, quando eu já assistia os eventos pela televisão.

Quanto a Edvaldo Valério, lembrava apenas da repercussão daquela medalha de bronze de 2000, mas as imagens da prova e a descrição precisa do nadador me fez pensar que eu tinha acompanhado aquela prova ao vivo. Já com a família de Nilton Pacheco de Oliveira acredito que consegui o material mais valioso. Mesmo sem a chance de poder conversar com ele, pude resgatar a história do primeiro medalhista olímpico baiano, que tem informações muito restritas nas páginas de busca na internet.

Espero poder dar sequência a esse trabalho futuramente, aprimorando o que for necessário nos textos destes sete atletas e na expectativa de que novos nomes possam surgir na lista de medalhistas baianos a partir de 2016. Desde 1996, a Bahia não passou em branco em nenhuma das edições do maior evento esportivo do mundo. É uma sequência de cinco Jogos Olímpicos que tem grandes chances de chegar a seis no Rio de Janeiro. Atletas promissores já começam a surgir e competirão pelo sonho de suas vidas no seu país natal.

**Referências Bibliográficas**

DUARTE, Marcelo. **O guia dos curiosos – esportes**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996

CASTRO, Gustavo de. **Jornalismo Literário uma introdução**. Brasília: Casa das Musas, 2010

MÁXIMO, João; CASTRO, Marcos de. **Gigantes do Futebol Brasileiro**. São Paulo: Civilização Brasileira, 2011

RUBIO, Katia. **Heróis Olímpicos Brasileiros**. São Paulo: Editora Zouk, 2004.

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. **Técnica de Reportagem Notas sobre a Narrativa Jornalística**. São Paulo Summus Editorial, 1986

VILAS-BOAS, Sergio. **Perfis e como escrevê-los**. São Paulo: Summus Editorial, 2003

VILAS-BOAS, Sergio. **Perfis: o mundo dos outros 22 personagens e 1 ensaio**. Barueri: Manole, 2014